

Introdução

“A ciência é a arte de criar ilusões adequadas que o louco aceita ou recusa; mas o sábio alegra-se com sua beleza ou com sua riqueza de sentido, sem estar cego para o fato de que são véus ou cortinas que escondem a escuridão abissal do desconhecido. (...) Nunca saberemos mais do que podemos saber; e, se recusarmos orgulhosamente orientar-nos pelo ‘saber’ (...) disponível, teremos que inventar uma ‘teoria’ ou ‘verdade’ melhores; e, se não conseguirmos isto, estaremos no vazio, e a vida nos fugirá das mãos.”

Jung

Os caminhos que levaram Jung a estudar a alquimia têm como ponto de partida a busca de novas formas de compreensão para os conteúdos surgidos no âmbito do seu trabalho analítico – os quais, por sua vez conjugavam-se com uma necessidade de significar as suas próprias vivências psíquicas¹. Estes manifestavam “muitas intuições ininteligíveis” que representariam, para o autor, “fragmentos de fantasias (...) do inconsciente”, sobre as quais não parecia haver em princípio “uma linguagem adequada” que pudesse trazer-lhes sentido (Jung, [1929] 2001:88).

A necessidade de buscar elementos para clarificar os aspectos clínicos supracitados levou-o ao estudo comparativo de diversos sistemas mítico-religiosos, os quais vieram sedimentar, posteriormente, a técnica e o corpo teórico junguianos: “Tornaram-se objeto da psicologia (analítica) não apenas o campo da psicologia normal, mas também a psicologia dos povos, o folclore e a mitologia no sentido mais amplo” (Jung, [1948] 2000b: 44).

Com relação à inserção do simbolismo alquímico na obra de Jung, ele pode ser observado de forma mais regular e constante nos escritos publicados a

¹ Estas tiveram, segundo o próprio Jung, importância crucial no sistema teórico-metodológico que desenvolveu. Para maiores detalhes, ver o livro *Memórias, Sonhos, Reflexões*, elaborado em parceria com Aniela Jaffé ([1964] 1986b).

partir de 1929², os quais “contêm freqüentemente uma pesquisa (...) em torno das questões centrais de que esta disciplina se ocupou” (Pieri, 2002: 29):

“(...) Richard Wilhelm (...) enviou-me o texto *O Segredo da Flor de Ouro* num momento problemático para o meu próprio trabalho. Foi no ano de 1928. Desde 1913 eu me ocupava com os problemas do inconsciente coletivo, e chegara a resultados que pareciam questionáveis sobre vários aspectos. Tais resultados não só exorbitavam tudo o que era conhecido no campo da psicologia ‘acadêmica’, como também ultrapassavam os limites da psicologia médica personalista. Tratava-se de uma vasta fenomenologia, à qual não se podia aplicar as categorias e métodos até então conhecidos.”

Jung, [1931] 1998: 7

Foi através deste texto que o autor pôde se aproximar de uma melhor compreensão da arte – “Wilhelm levou-me a conhecer a alquimia chinesa (...) e abriu-me o caminho para entender os precedentes medievais de nossa psicologia moderna” (Jung, [1948] 2000b: 44). A partir de então, Jung dedicou-se sistematicamente ao estudo de antigos tratados alquímicos, tarefa que o ocupou nos dez anos subseqüentes. Para conseguir apreender aquela linguagem que em princípio se mostrara obscura e enigmática, o autor desenvolveu um método de estudo comparativo – baseado em técnicas da filologia –, compilando e entrecruzando de forma exaustiva os termos encontrados nas diferentes obras sobre as quais se debruçou³:

“I had to invent a method in order to decipher these texts and to reach their meaning. I made a catalogue of all the peculiar symbols which they use, and made notes of the connections in which these symbols occurred. In this way I gradually succeeded in deciphering their peculiar language.”

Jung, [1941] 1960: 88

Em 1935 proferiu, pela primeira vez, uma conferência sobre o tema: “Símbolos Oníricos do Processo de individuação”. A esta seguiu-se, em 1936, “As Idéias de salvação na Alquimia”⁴. Na primeira conferência, Jung compara uma série de sonhos de um paciente com as operações da obra alquímica; na

² Data da primeira edição do livro *O Segredo da Flor de Ouro*, um expoente da alquimia chinesa interpretado em co-autoria com Richard Wilhelm – vide bibliografia.

³ Algumas delas são citadas nas conferências sobre alquimia proferidas no ETH, Instituto Federal de Tecnologia, em Zurique (ver Capítulo 3) – Jung, [1941] 1960: 87-88.

⁴ Estes trabalhos foram apresentados, respectivamente, nas 3ª e 4ª Conferências Eranos (“*Eranos (...) was the name chosen by Rudolf Otto, for annual meetings at the home of Frau Olga Froebe Kapteyn whose original purpose was to explore links between Western and Eastern thinking*” – Young-Eisendrath & Dawson, 1997: xxvii).

segunda, procura interpretar psicologicamente alguns dos símbolos da arte. Ambas vieram formar, posteriormente, com alguns acréscimos e revisões, o livro *Psicologia e Alquimia*, de 1944⁵. A partir deste momento, as alusões à alquimia estiveram presentes de forma maciça em sua obra.

Mas em que a alquimia poderia se assemelhar à psicologia do inconsciente? O que ela representaria para a alma humana, não sendo entendida simplesmente como uma pré-química? Visto sob uma perspectiva simbólica – eis sua chave interpretativa – este antigo saber poderia se aproximar da psicologia junguiana: o inconsciente coletivo (concebido como uma matriz de símbolos⁶) daria continuidade a processos que foram outrora expressos na linguagem alquímica, processos estes que tenderiam a resultados psíquicos homologáveis aos resultados das operações da obra. Interpretada sob o viés simbólico, a alquimia traduziria o interesse analítico na transformação da personalidade. Além disso, certos motivos e conteúdos psíquicos surgidos no âmbito do trabalho clínico representariam, para o autor, uma atualização do simbolismo alquímico.

Através destas colocações, pode-se perceber que Jung buscava validações para a sua tese de que as camadas mais profundas do inconsciente seriam de natureza coletiva, e se expressariam através de arquétipos comuns a toda a humanidade⁷. O uso de um sistema de pensamento tão pouco ortodoxo como a alquimia representou, para o autor, uma tentativa de legitimar as suas construções teóricas através de supostos antecedentes históricos que revelariam as “raízes”, a “prefiguração (...) dessas experiências interiores” manifestas no homem contemporâneo:

“Se não conseguisse tal testemunho, jamais poderia fornecer a confirmação daquelas idéias. Sob esse ponto de vista, o encontro com a alquimia foi para mim uma experiência decisiva; nela encontrei as bases históricas que até então buscara inutilmente⁸.”

Jung, [1964] 1986b: 177

⁵ Volume XII das Obras Completas de Jung.

⁶ Símbolos que se manifestam, por exemplo, em de sonhos, fantasias, alucinações.

⁷ Jung costumava dar pouca atenção às especificidades históricas dos sistemas de pensamento que estudou; isto acontece porque ele buscava os invariantes de cada cultura.

⁸ Para Jung, as atividades do inconsciente coletivo não designariam apenas determinadas manifestações psíquicas individuais, mas também poderiam ser encontradas em sistemas de pensamento de diferentes épocas e culturas (Jung, [1948] 2000b: 44).

Ligado principalmente à idéia de um dinamismo inconsciente manifesto através do processo de individuação⁹, o simbolismo alquímico torna-se, na obra junguiana, objeto do que Pieri classifica como uma “pesquisa comparada do tipo psico-histórico” (Pieri, op. cit.: 53), que Jung realiza com o intuito de “restituir à nossa tradição uma dimensão esquecida e por vezes cancelada” (id. ibid.). Isto possibilitaria uma melhor compreensão do psiquismo.

Jung trabalha a partir das manifestações do que ele classifica como *realidade psíquica*, mesmo que elas tendam a ser representadas de forma estranha ou pouco convencional. Tendo em vista, portanto, que a leitura junguiana da temática alquímica é elaborada a partir de uma perspectiva simbólica, entende-se que é através deste viés teórico que seria possível justificar as aproximações entre psicologia e alquimia.

No Capítulo 1 desta dissertação, procuro resgatar a questão do *símbolo* na obra junguiana, através da abordagem de algumas das funções psicodinâmicas ligadas ao conceito (especialmente a *função transcendente* como condição psíquica para o desenvolvimento do *processo de individuação*). Para a melhor compreensão da temática, traçarei um breve esboço da constituição do aparelho psíquico segundo o modelo da psicologia analítica. Tentarei ainda analisar em que medida a noção de símbolo consegue fornecer uma base epistemológica nas aproximações entre psicologia e alquimia, a partir dos desdobramentos teóricos aqui apontados.

Jung observa que vários adeptos se referiam ao trabalho alquímico através de suas próprias vivências, e estas seriam uma condição imprescindível para a obtenção de resultados satisfatórios nos trabalhos com a matéria. Destacando então esta dualidade que parece caracterizar a arte, o autor se utiliza do mecanismo psicológico da *projeção* para entender por que as transformações alquímicas seriam experimentadas simultaneamente no íntimo do adepto. Estas questões, bem como o desenvolvimento da noção de projeção segundo os pressupostos junguianos, serão trabalhadas no Capítulo 2.

O Capítulo 3 tem como objetivo principal resgatar as definições do método interpretativo que Jung classificou como *amplificação*. Isto será feito a partir do

⁹ Estes termos serão melhor delimitados no Capítulo 1.

resgate de dois diferentes relatos de um caso clínico tratado por Jung¹⁰. A minha abordagem do caso – *O Caso da Senhora X* – partirá de um levantamento dos comentários feitos por Jung sobre algumas das pinturas elaboradas pela paciente ao longo do trabalho analítico, e de que forma a amplificação se insere nesses comentários¹¹.

Devo acrescentar ainda uma observação no que diz respeito à forma como organizei as citações de Jung ao longo do meu trabalho. De um modo geral, os escritos de Jung reunidos nas suas Obras Completas não são dispostos cronologicamente, nem adotam critérios de organização que levem em conta, por exemplo, a inclusão de textos com temáticas semelhantes em um mesmo volume. Levando em consideração estes dados, optei por citar as datas das edições originais somente no corpo da dissertação (seguidas, respectivamente, pelas datas das publicações utilizadas por mim), mas omiti-las nas Referências Bibliográficas. Nessas, após as datas das publicações que utilizei, indiquei somente o número do volume dos livros, seguindo a sua catalogação a partir das Obras Completas de Jung.

¹⁰ Este caso foi, segundo o próprio autor, a principal motivação para incluir em seu sistema teórico os estudos que vinha realizando na área da alquimia.

¹¹ Stein menciona este mesmo caso clínico em seu livro *Jung – O Mapa da Alma*, também se utilizando das pinturas da paciente. Através de observações breves (baseadas exclusivamente no ensaio de Jung presente no volume IX/1 das Obras Completas [ver Capítulo 3]), ele ressalta que as imagens da Senhora X retratam as etapas iniciais do processo de individuação na segunda metade da vida (“*Estudo de um caso de individuação*” in: Stein, 2000: 169-172).